



CISTITE IDIOPÁTICA FELINA: REVISÃO DE LITERATURA

**Hillary Cristina Bauer
Anny Raissa Carolini Gomes**

Resumo

A cistite idiopática felina, também conhecida como Síndrome de Pandora, é uma das doenças mais comuns que acometem o trato urinário inferior em felinos domésticos. O presente trabalho busca apresentar a fisiopatologia, sinais clínicos, formas de diagnóstico e tratamento tendo base em literaturas científicas relacionadas a medicina veterinária, entre os anos de 2010 e 2023. Esta doença está diretamente ligada ao comportamento de felinos e ao manejo comportamental e alimentar. A principal causa é o estresse, acometendo principalmente gatos entre 2 e 6 anos de idade. O diagnóstico pode ser realizado com a análise do histórico do paciente, avaliação dos sinais clínicos, exames complementares como hemograma, ultrassonografia, cistografia e uretrografia e exclusão de outros possíveis diagnósticos. O tratamento é realizado através de uso de medicamentos para amenizar sinais clínicos e adequações ao manejo.

Palavras-chave: Clínica felina, comportamento; estresse; manejo; trato urinário inferior.

Abstract

Feline idiopathic cystitis, also known as Pandora's Syndrome, is one of the most common diseases that affect the lower urinary tract in domestic cats. The present work shows to present the pathophysiology, clinical signs, forms of diagnosis and treatment based on scientific literature related to veterinary medicine, between the years 2010 and 2023. This disease is directly linked to feline behavior and behavioral and feeding management. The main cause is stress, affecting mainly cats between 2 and 6 years old. The diagnosis can be made with the analysis of the patient's history, evaluation of clinical signs, complementary tests such as blood count, ultrasound, cystography and urethrography and exclusion of other possible diagnoses. The treatment is carried out through the use of medications to mitigate clinical signs and adjustments to management.

Keywords: Behavior; feline clinic, handling; lower urinary tract; stress.

INTRODUÇÃO

A cistite idiopática felina (CIF) ou Síndrome de Pandora é caracterizada pela fragilização do epitélio da vesícula urinária devido a uma alteração neurológica e endócrina que geralmente é ocasionada devido ao estresse causado por superpopulação de felinos, mudanças bruscas no ambiente, socialização incorreta com outros animais, impossibilidade de expressar o comportamento natural, entre outros. A cistite idiopática felina prevalece de 55% a 65% em felinos com doenças em trato urinário inferior (JERICÓ et al., 2014). A exposição do epitélio se dá devido à baixa quantidade de glicosaminoglicanos

(GAGs), responsáveis pela proteção do epitélio da vesícula e por impedir a vasão de urina através dele. Com a redução de GAGs, o urotélio tem mais contato com componentes presentes na urina que irritam esta camada epitelial, como íons presentes no potássio e cálcio, iniciando um processo de sensibilização e inflamação. Tal inflamação presente na vesícula urinária ocasiona o primeiro sinal clínico que complicará a doença: o paciente com CIF irá reduzir a frequência de micção, assim fazendo com que a vesícula fique mais tempo exposta ao conteúdo que causa da irritação no tecido e causará uma piora no quadro da cistite (ASSIS et al., 2023).

REVISÃO DE LITERATURA

Uma vez que o urotélio se encontra exposto, logo os sinais clínicos e comportamentais aparecerão: retenção urinária, disúria, hematúria, polaciúria, vocalização no momento da micção, estrangúria, micção fora da caixa de areia, apatia, hiporexia, e em casos mais graves dor abdominal em porção caudal, próximo a bexiga, e obstrução urinária (ASSIS et al., 2023).

As causas da CIF ainda são uma discussão não concluída pois abrangem vários fatores que podem causar estresse em felinos, como mudanças de/ em ambientes, confinamento, alta densidade populacional ou mesmo consumo hídrico insuficiente. Ela atinge essencialmente os gatos confinados (que não têm acesso a rua) e estressados (MORAILLON, 2013). Alguns gatos possuem predisposição para esta enfermidade, apresentando naturalmente uma quantidade inferior de glicosaminoglicanos ou ingestão hídrica insuficiente e alimentação predominante de ração seca. Ao serem expostos a uma ou mais situações de estresse, desenvolvem a doença (ETTINGER et al., 2022).

O diagnóstico pode ser feito analisando o histórico do paciente e com exclusão de outras enfermidades. O exame físico pode não trazer conclusões que agregam ao diagnóstico. Os sinais clínicos que podem ser descritos pelo tutor podem incluir polaciúria, periúria, disúria, hematúria e em alguns casos pode haver obstrução (TILLEY, 2015). Se houver obstrução do canal urinário a vesícula urinária se apresenta repleta e rígida durante a palpação. A palpação da vesícula urinária deve ser feita com cuidado, para evitar o rompimento. É

recomendado que a palpação seja realizada com a bexiga repleta e vazia para descartar a presença de urólitos e tumores (CUNHA, 2023). Em casos em que não há obstrução o paciente pode apresentar sensibilidade dolorosa (FERNANDES, 2023). A urinálise não revela a presença de bactéria, indicando apenas hematúria e proteinúria. A coleta da urina deve ser feita preferencialmente por cistocentese, pois, o método evita contaminação (FERNANDES, 2023). Através do exame de imagem ultrassonográfico é possível identificar espessamento da parede da vesícula urinária e, caso esteja repleta, pode haver presença de sedimentos. Cálculos radiopacos podem ser observados em exame radiográfico, já em uma uretrografia ou cistografia pode-se perceber coágulos, cálculos radiolúcentes, contrações e lesões tumorais, sendo frequentemente possível observar espessamento da parede através da cistografia (THRALL, 2019). Em resultados de hemograma não se observa alterações exceto por pacientes obstruídos, estes podem apresentar azotemia (ASSIS et al., 2018).

O tratamento da cistite idiopática felina é composto por pilares, sendo estes o controle de inflamação e dor, manejo ambiental, manejo alimentar e hídrico e sociabilização. O tratamento medicamentoso é de extrema importância para trazer mais conforto e alívio ao paciente durante o período em que os sinais clínicos estão agudizados. Os demais ajustes citados a seguir também são importantes para evitar recidivas da cistite após o desaparecimento dos sinais (ETTINGER et al., 2022).

Um dos sinais persistentes da CIF e que causa grande incômodo ao paciente é a dor, portanto, podem ser administrados medicamentos analgésicos como buprenorfina transmucosa (0,2 a 0,3 mg/kg, a cada 6 a 12 horas) de 3 a 5 dias, butorfanol (0,1 a 0,2 mg/kg, a cada 8 a 12 horas), oximorfona (0,01 mg/kg, a cada 8 a 12 horas) e anti-inflamatórios não esteroidais. Para machos, medicações antiespasmódicas trazem benefícios, pois causam o relaxamento da uretra reduzindo a disúria, alguns destes medicamentos indicados são a fenoxibenzamina, prazosina e dantrolene, por terem efeitos sedativos é recomendada a administração por um prazo curto (LITTLE, 2016). Em casos crônicos de CIF onde não houve resposta aos outros tratamentos

medicamentosos e de manejo, recomenda-se o uso de amitriptilina. A amitriptilina é um medicamento antidepressivo indicado para o tratamento de doenças comportamentais. Além de seu efeito antidepressivo também é anticolinérgico, anti-histamínico, simpaticolítico, anti-inflamatório e analgésico, sendo eficaz para casos de cistite idiopática crônica em uma dose de 2,5 a 5 mg/kg via oral ao dia. Apesar de ser um medicamento seguro em dose reduzida e trazer benefícios quanto a clínica de CIF, deve-se observar o paciente durante sua administração, gatos que tiveram amitriptilina incluída no tratamento apresentaram ganho de peso significativo, redução na autolimpeza e letargia. O uso de glucosamina também é indicado para cistite em gatos, este nutracêutico compõe os glicosaminoglicanos presentes no uroepitélio dos felinos e com a administração desta a camada protetora da vesícula pode ser renovada com mais facilidade assim recuperando sua proteção. O monitoramento apropriado do hemograma completo e do perfil bioquímico sérico deverá ser realizado antes de iniciar qualquer medicação psicotrópica e ser repetido periodicamente durante o tratamento (LITTLE, 2016).

O animal deve ser exposto ao mínimo de estresse possível, evitando mudanças bruscas no local ou na rotina, o ambiente deve ser propício para que ele possa expressar seu comportamento natural, portanto, deve ter arranhadores, brinquedos, nichos, local onde o gato possa se isolar e esconder quando necessário, água limpa e fresca a vontade etc. Hoje, os feromônios se apresentam como uma ótima opção como terapia comportamental, tornam o ambiente mais seguro e tranquilo para o gato. A limpeza da(s) caixa(s) de areia com frequência evitará a retenção de urina (FERNANDES, 2019).

Alguns gatos possuem uma ingestão insuficiente de água, sendo assim um fator predisponente para o surgimento da CIF. Para estes gatos o ideal é reduzir a oferta de ração seca e aumentar a oferta de ração úmida. Fontes que deixam a água corrente se tornam mais atrativas para aumentar a ingestão de água, sendo também uma boa opção (ASSIS et al., 2023).

Felinos são animais que precisam ter espaço para socializar e para estarem sozinhos quando necessários. Alguns gatos se adaptam bem a companhia de outros animais da mesma espécie, porém em sua maioria, os

felinos apresentam maior bem-estar ao evitarem a presença de outros (BROOM; FRASER, 2010). A superpopulação de gatos em um mesmo ambiente pode deixar o ambiente tenso e ocasionar brigas. Respeitar o espaço do animal é indispensável para evitar estresse (LITTLE, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do estudo das literaturas e artigos referenciados neste trabalho foi possível obter um conhecimento mais detalhado sobre a cistite idiopática felina. A fisiopatologia da doença se define pela baixa quantidade de glicosaminoglicanos (seja em gatos que já possuem esta quantidade reduzida ou naqueles que obtêm esta redução devido ao estresse). Os sinais clínicos são característicos de doença do trato urinário inferior, tendo como diagnósticos diferenciais neoplasia, obstrução, urólitos, cistite bacteriana, entre outros. Para confirmar o diagnóstico realiza-se exames de urinálise, ultrassonografia, uretrografia, cistografia e hemograma. O tratamento é definido com medicações que trarão alívio dos sinais clínicos da cistite e as adaptações que se adequam de uma forma melhor ao comportamento do gato, sempre evitando o estresse.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Michele F.; TAFFAREL, Marilda O. DOENÇA DO TRATO URINÁRIO INFERIOR DOS FELINOS: ABORDAGEM SOBRE CISTITE IDIOPÁTICA E UROLÍTIASE EM GATOS. **ENCICLOPÉDIA BIOSFERA**, v. 15 n. 27, p. 393-397, 2018. Disponível em <https://conhecer.org.br/ojs/index.php/biosfera/article/view/544>. Acesso em: 22 ago. 2023.

BROOM, D. M.; FRASER, A F. **Comportamento e bem-estar de animais domésticos** – 4a ed. São Paulo: Editora Manole, 2010. E-book. ISBN 9788520455715. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788520455715/>. Acesso em: 22 ago. 2023.

CUNHA, D. I. **Medicina e cirurgia de animais de companhia**. Relatório Final de Estágio de Mestrado Integrado em Medicina Veterinária - Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Porto, 2023.

ETTINGER, S. J.; FELDMAN E. C.; CÔTÉ, E. **Tratado de Medicina Veterinária: Doenças do Cão e do Gato**. Rio de Janeiro: Grupo GEN, 2022.

FERNANDES, Patrícia Alexandre dos Anjos. **ASPETOS ECOGRÁFICOS DAS ADRENAIS NA CISTITE IDIOPÁTICA FELINA**. Dissertação de Mestrado Integrado em Medicina Veterinária – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2023. Disponível em <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/18935>.

JERICÓ, M. M.; KOGIKA, M. M.; NETO, J. P. A **Tratado de Medicina Interna de Cães e Gatos 2 Vol**. Rio de Janeiro: Grupo GEN, 2014.

LITTLE, S. E. **O Gato - Medicina Interna**. Rio de Janeiro: Grupo GEN, 2016.

MORAILLON, R. **Manual Elsevier de Veterinária: Diagnóstico e Tratamento de Cães, Gatos e Animais Exóticos**. Rio de Janeiro: Grupo GEN, 2013.

THRALL, D. **Diagnóstico de Radiologia Veterinária**. Rio de Janeiro: Grupo GEN, 2019.

TILLEY, L. P.; JUNIOR, F. W. K. S. **Consulta Veterinária em 5 Minutos: Espécies Canina e Felina**. São Paulo: Editora Manole, 2015.